

(*) *Ângela de Alencar Araripe Pinheiro* é Doutora em Sociologia (UFC), professora da UFC. @ a3pinheiro@gmail.com *Ana Maria Monte Coelho Frota* é Doutora em Psicologia(UFC), professora da UFC. @ anafrota@ufc.br *Mateus Frota Freire* é Graduado em Música (UFC). @ mateus_mcf@yahoo.com *Laisa Forte Cavalcante* é Estudante de Psicologia (UFC). @laisacavalcante93@hotmail.com *Rita Claudia Aguiar Barbosa* é Mestre em Economia Rural(UFC), professora da UFC. @rcab@ufc.br

Infâncias e Crianças nas canções de Chico Buarque:

Entre surpresas e possibilidades

Childhood and Children in Chico Buarque's Songs: Between Surprises and Possibilities

Ângela de Alencar Araripe Pinheiro*

Mateus Frota Freire*

Ana Maria Monte Coelho Frota*

Laisa Forte Cavalcante *

Rita Claudia Aguiar Barbosa *

RESUMO: Este artigo faz parte de um estudo mais amplo, que aborda significações de infância e do ser criança no conjunto das canções de autoria de Chico Buarque. Apresentamos, de início, uma síntese da referida investigação, quanto aos seus procedimentos e suportes teórico-metodológicos, as categorias que emergiram com relação às significações de infância e de ser criança. Em seguida, nos detivemos naquilo que mais nos surpreendeu em termos de: a quantidade de composições que abordam o tema, mesmo não sendo considerado até agora recorrente na obra musical de Chico Buarque; a diversidade de significações que percebemos serem atribuídas pelo compositor à infância e ao ser criança. Por último, instigamos os leitores a entrarem em contato com canções de Chico Buarque e de outros compositores, que abordam o tema, canções que portam imensuráveis possibilidades de interpretação e de implicações pessoais e coletivas.

Palavras-chave:
Infâncias, crianças,
Chico Buarque.

Interesse pela temática: Pontos de partida e trajetórias investigativas

Dois pontos de partida têm mobilizado este grupo de pesquisa para ampliar a compreensão de significados de infância e do ser criança, que circulam no tecido social brasileiro:

- as expressões artísticas constituem realidades e são por elas constituídas, e seus conteúdos implicam na dinâmica da vida social; (CÂNDIDO, 1995, 2000; PAZ, 1991, 2003; COLI, 1985; MIRANDA, 2010). As expressões artísticas refletem os contextos histórico-temporais nos quais estão inseridos os seus criadores. Revelam modos de vida e pensar de determinadas sociedades, bem como constatações, sonhos, utopias, desejos e insatisfações dos artistas. São interpretações da realidade, construídas a partir de instrumentos e recursos de que dispõem os artistas, sejam palavras, sons, formas, movimentos, imagens, cores, ritmos, gestos etc;

- as concepções de infância e do ser criança são construídas socialmente, transformam-se ao longo da história e em diferentes contextos (SARMENTO, 2009, 2013; VASCONCELOS, 2009; PINHEIRO, 2006). Em um mesmo contexto sócio-histórico, coexistem diferentes concepções de infância e de ser criança. É claro para nós, também, que novos olhares sobre a infância (COHN, 2005; FROTA, 2007; KOHAN, 2004, 2010) têm nos ajudado a descristalizar formas convencionais de conceituar as crianças e as infâncias, que as tomavam a-histórica e homoganeamente. Assim, nos é possível perceber a força do presente das crianças e das infâncias, suas condições de sujeitos e as diversidades infindas entre elas e eles – crianças e adolescentes.

Em estudos anteriores, vimos constatando a coexistência de diferentes concepções de ser criança em diversificados contextos no País, tais como assentamento rural no semi-árido nordestino (FROTA *et al.*, 2013); e em espaço institucional de cultura e lazer, na cidade de Fortaleza (PINHEIRO *et al.*, 2009). Ademais, empreendemos algumas reflexões sobre significações de infância e de ser criança em obras literárias de autores brasileiros – Jorge Amado, em *Capitães de Areia* (1937/2009); Monteiro Lobato, em *Negrinha* (1923/1994); e estrangeiros - John Cotzee, em *Infância* (1997/2010); e Ferenc Molnár, em *Os Meninos da Rua Paulo* (1904/2005)¹. Em cada uma de nossas produções, temos nos deparado com a potência de atentarmos para tantas expressões de ser criança e de infância, e de como a adoção de determinadas concepções sobre elas implica práticas culturais emancipatórias ou não, dignificantes ou não.

Nos últimos dois anos (entre 2013 e 2015), temos nos voltado para abordar uma questão de partida (FROTA *et al.*, 2015)²: como canções da música popular brasileira têm significado o ser criança e a infância? Quais as dimensões que se fazem presentes em seus conteúdos? Universo por certo muito amplo, um recorte se fez necessário. Decidimos, então, tomar como

1 Tem sido por demais instigante incluir a leitura de obras literárias como as ora citadas, a qual recomendamos. Sua análise contribui, por certo, para ampliar a compreensão de infâncias e reconhecer a importância de atentar para os contextos históricos e culturais às quais as obras se referem e/ou foram elaboradas (PINHEIRO, 1989; 2009a; 2010a; 2010b).

2 Trata-se do estudo, intitulado *Infâncias e Ser Criança: Significações no Universo das Canções de Chico Buarque*. A referência que se segue permite aos interessados conhecimento mais aprofundado sobre a investigação: FROTA, A. M. M. C.; PINHEIRO, A. de A. A.; CAVALCANTE, L. F.; FREIRE, M. F.; BARBOSA, R. C. de A. (2015). *Infâncias e Ser Criança: Significações no Universo das Canções de Chico Buarque*. Fortaleza: UFC. (Relatório de Pesquisa) – (<https://oppceufe.wordpress.com/2015/09/28/infancias-e-ser-crianca-significacoes-no-universo-das-cancoes-de-chico-buarque/>)

corpus da investigação o conjunto de canções de Chico Buarque (CB), de autoria única ou em parceria, e entre as quais incluímos aquelas que estão fora da discografia e as versões de letras por ele elaboradas, posto que incluem interpretações do referido compositor³. Seguindo tal delimitação, fomos instigados pelo questionamento seguinte: Quais significações de infância e de ser criança podem ser encontradas nas canções de Chico Buarque de Holanda?

A escolha pelas letras de música de CB se deu a partir dos seguintes critérios: suas canções começam a ser criadas na década de 1960 até os dias de hoje, já ultrapassando, portanto, cinco décadas da história recente do País; sua obra é profícua – além das canções e de melodias, CB é autor de romances e peças de teatro; CB e sua obra gozam de imensa respeitabilidade e admiração em nosso País e fora dele, entre críticos de arte, jornalistas, intelectuais, como podemos constatar, por exemplo, no conteúdo de coletâneas sobre ele escritas (FERNANDES, 2004, 2013); em biografias (HOMEM, 2009; SILVA, 2004; ZAPPA, 1999, 2004); e em trabalhos acadêmicos que abordam suas expressões artísticas, dentre os quais destacamos os elaborados por Adélia Meneses (2004, 2013) e Anazildo Vasconcelos da Silva (2004, 2013).

Sobre a pesquisa

O estudo efetivou pesquisa bibliográfica, abordando como categorias básicas arte, infância e ser criança, e contextos em que foram criadas as canções de CB. Procedemos a escuta e re-escuta do conjunto de canções, de modo a identificar todas aquelas que, a nosso ver, contêm referências a significações de infância e ser criança. Submetemos os dados construídos à análise de conteúdo temática (BARDIN, 2009; MINAYO, 2004; PINHEIRO, 2006), emergindo as seguintes categorias: brincadeira; características da infância; cuidados e descuidos; infâncias; e momentos da vida.

Dentre os “achados” da nossa investigação, a partir da discussão da categoria Momentos da Vida, podemos agora apontar que, nas canções de CB, ser criança faz-se esperança; ser adulto e velho, não. Ao adulto, cabe trabalho e cuidado com o outro; ao velho, desesperança, tristeza e cansaço. Ilustramos nossa reflexão: na canção *Sonho de um Carnaval* (1965), CB parece contrapor desengano e esperança, a partir de um tempo de folia. E saber ser criança – por parte do adulto – é posto entre fontes de esperança: utilizar-se de lembrança para aproximar as pessoas que estão longe, e valer-se da dança para espantar a tristeza de gente: *No carnaval, esperança/Que gente longe viva na lembrança/Que gente triste possa entrar na dança/Que gente grande saiba ser criança*.

3 Todas as canções foram pesquisadas a partir do sítio eletrônico oficial do compositor – www.chicobuarque.com.br; para garantir a fidelidade de seus conteúdos

Em Cuidados e Descuidos, vemos como Chico busca reminiscências infantis e valorização das pessoas do povo. Na sua obra, identificamos figuras marcantes e desvalidas como o negro, o torto, o errante, os detentos. Para CB, é grande a preocupação com os cuidados voltados à criança, assim como uma denúncia dos descuidos que atravessam a infância. E o sonho de uma infância cuidada, de crianças amadas, se revela nas palavras poéticas do Chico, no olhar vigilante, capaz de gestos extremos para protegê-las: (*Tutu-Marambá não venha mais cá/ Que a mãe da criança te manda matar*) *A noiva da cidade*, Francis Hime e Chico Buarque, 1975-76.

Nas músicas do Chico, emergem várias Brincadeiras, brinquedos e jogos, que nos falam de uma cultura e de uma prática cultural. Em *João e Maria* (Sivuca e Chico Buarque, 1977), por exemplo, o jogo de faz-de-conta é um convite às brincadeiras de heróis, cowboys, guerra e princesa. Aparecem brinquedos como pião e bодоques. O poeta nos fala de um tempo fantasioso e idílico; e, em *Maninha* (Chico Buarque, 1977), há um “quintal” que consegue se manter imune aos perigos da vida e à escuridão da noite.

Chico Buarque não nos fala de uma infância única: mostra-nos várias delas, vividas de modo tão diverso e singular quanto as sociedades e as histórias podem ser. As Características da Infância são marcadas por movimentos, brincadeira, energia, transgressão, alegria. A escola, quando aparece, assume uma perspectiva negativa: “*Inda*” *garoto deixei de ir à escola/ Caçaram meu boletim*” – *Até o Fim* - CB, 1978. E, ainda: *Mas tive que fugir da escola/ Pra aprender a lição*”, *Meu Refrão* - CB, 1965.

Chico apresenta a criança sempre de uma forma positiva, como a inauguração de possibilidades já esgotadas para os velhos. Em *Maninha* (CB, 1977): *Se lembra do futuro/ Que a gente combinou/ Eu era tão criança e ainda sou/ Querendo acreditar que o dia vai raiar/ Só porque uma cantiga anunciou*. Também em *Sonho de Um Carnaval* (CB, 1965), como já aludido anteriormente, deparamo-nos com uma perspectiva positiva para o ser criança: *No carnaval, esperança/ Que gente longe viva na lembrança/ Que gente triste possa entrar na dança/ Que gente grande saiba ser criança*. *A Cidade Ideal* (Enriquez - Bardotti - Chico Buarque, 1977) traz nova perspectiva, também bastante positiva: *O sonho é meu e eu sonho que/ Deve ter alamedas verdes/ A cidade dos meus amores/ E, quem dera, os moradores/ E o prefeito e os varredores/ Fossem somente crianças*.

Finalmente, em *Infâncias*, fica muito presente a marcação de classes, como em *Construção* (Chico Buarque, 1971) e *Pedro Pedreiro* (Chico Buarque, 1965). Também gênero e sexualidade, assim como inserção social, são dimensões

da categoria que denominamos Infâncias. Sem dúvidas, Chico Buarque consegue, com sua poética, fazer um retrato da sociedade brasileira, com crianças e infâncias pulsando em seu tecido. Assim, a nossa investigação revela que, embora não tivessem sido incluídas como temas recorrentes nas canções de Chico Buarque, infância e ser criança se fazem presentes em inúmeras composições do artista, com diversificadas significações.

Tantas surpresas

Tantas canções

Neste texto específico, queremos abordar algumas das surpresas que o contato com o universo das canções de CB implicou em nós. Ou seja, socializar algumas desconstruções e construções – subjetivas e objetivas, que resultaram do nosso debruçar sobre o conjunto de canções de CB.

A primeira consideração que fazemos é a de termos nos surpreendido, neste estudo, com a quantidade de canções de Chico Buarque (CB) que abordam a infância e o ser criança (para além de algumas poucas que são mais comumente citadas nesse sentido – *O Meu Guri* – CB, 1981; *Pivete* – CB, 1978; *Acalanto para Helena* – CB, 1971). As canções de CB por nós selecionadas, nas quais identificamos alusões ao ser criança e a infância, se distribuem da seguinte forma:

- anos 1960 – 15 composições;
- anos 1970 – 26 composições;
- anos 1980 – 12 composições;
- anos 1990 – 02 composições;
- ano 2000 em diante – 03 composições.

São, portanto, 58 canções. Consideramos um número relevante, quando comparado ao total de composições de CB - 345, como consta de seu sítio eletrônico oficial. Ou seja, 58 canções representam mais de 1/6 do total! Deixamos claro que a seleção seguiu o arbítrio das nossas formações, de nossas inserções em espaços acadêmicos e não acadêmicos, tais como fóruns e redes no campo político dos direitos de crianças e adolescentes. A maior incidência das canções se dá entre os anos 1960 e 1980, período em que houve imensa visibilidade de questões relacionadas à infância e ao ser criança no Brasil e no Exterior. Vivíamos a ditadura militar e a consideração do “problema do menor” como de Segurança Nacional. Sua criminalização era

de tal monta que a elaboração da PNBEM (Política Nacional do Bem-Estar do Menor), em 1964, se deu na ESG (Escola Superior de Guerra), espaço no qual o regime totalitário concebia as leis de exceção (PINHEIRO, 2006).

Ao mesmo tempo, foi nas décadas de 1970 e 1980 que o País viveu processos extraordinários de mobilização social, que tinham, basicamente, quatro objetivos: volta ao pluripartidarismo; retorno de eleições diretas em todos os níveis; anistia política geral e irrestrita; e a elaboração de nova Constituição Federal, desta feita por uma Assembléia Nacional Constituinte, e que substituísse a Carta Magna então vigente, que fora outorgada pelo regime militar.

E, pela primeira vez na história da legislação brasileira, a Constituição Federal de 1988 traz capítulo específico sobre crianças e adolescentes, garantindo todos os direitos para todos eles. Acresçamos, ainda, que, no mesmo período, as precárias condições de vida no Brasil, particularmente de expressiva parcela de crianças e adolescentes, despertava a indignação de pessoas, grupos e instituições no País, e repercutia no Exterior. Vivíamos, também, em nível mundial, mobilizações intensas, de instituições internacionais, entre as quais a ONU e suas agências, o que resultou na elaboração e aprovação da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, em 1989, tratado assinado pelo maior número de Estados-Parte, à exceção, apenas, dos Estados Unidos e da Somália (PINHEIRO, 2001, 2006; DOIMO, 1995). Circulavam, pois, em embate ou articulação, diversificadas significações de criança e adolescente no País, nas décadas de 1960 a 1980.

Chico Buarque, artista engajado, exímio observador, reflete, em suas canções, sobre o cotidiano brasileiro e contribui para reflexões a respeito de suas contradições, tais quais as que podemos observar entre as significações de crianças e adolescentes no Brasil. A peculiar acuidade de Chico para revelar profundezas do cotidiano, através de suas canções, reitera, em nós, um de nossos pressupostos, de que expressões artísticas refletem as realidades e contribuem para o seu conhecimento e para reflexões sobre elas.

Tantas significações

De tal forma é a capacidade desse *Poeta do Dia-a-dia*, que identificamos imensa diversidade de significações de infância e de ser criança, em suas canções. CB parece atentar para tantas nuances das múltiplas realidades em que vivem crianças e adolescente no País, e o faz em diferentes tons:

- com lirismo, como em *Acalanto para Helena – Chico Buarque, 1971. (Dor(me)minha pequena/não vale a pena despertar/eu vou sair/*

por aí afora/ atrás da aurora/mais serena); e em *Mulher, vou dizer o quanto te amo* – Chico Buarque, 1968. (*Mulher, vou dizer o quanto te amo/cantando a flor/que nós plantamos(...)eu te repito/este meu canto de lowor/ao fruto mais bendito/desse nosso amor*;

• como denúncia, quando aborda questões graves e delicadas, no âmbito das infâncias brasileiras, como:

1) fome e miséria, que levam à morte no campo (*meninos ficando azuis/e desencarnando/lá no brejo da cruz*) *Brejo da Cruz* – CB, 1984; e ao que parece um desalento diante de uma gravidez inesperada (*quando, seu moço, nasceu meu rebento/não era o momento dele rebentar/Já foi nascendo com cara de fome/e eu não tinha nem nome pra lhe dar*) *O Meu Guri* – CB, 1981;

2) trabalho infantil, percebido por CB, nos anos 1970 (*No sinal fechado/Ele vende chiclete/Capricha na flanela...*) *Pivete* - CB, 1978; e nos anos 1990, e que permanece presente em diferentes contextos urbanos e rurais do País na atualidade; (*De noite/meninas/peitinho de pitomba/vendendo por Copacabana/suas bugigangas*) *Carioca*– CB, 1998;

3) exploração sexual, um dos alvos mais constantes de campanhas do movimento em favor de direitos de crianças e adolescentes até os dias de hoje (*dá-se assim desde menina/na garagem, na cantina/atrás do tanque, no mato*) *Geni e o Zepelim* – CB, 1977-78;

4) envolvimento com atos infracionais, que remete a temas polêmicos da atualidade, como os desacertos na aplicação de medidas sócio-educativas e as discussões sobre a idade da inimputabilidade penal (*Chega no morro com o carregamento/pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador*) *O Meu Guri* - CB, 1981; (*Arromba uma porta/faz ligação direta/engata uma primeira/e até*) *Pivete* – CB, 1978;

5) uso de drogas lícitas ou ilícitas, cuja disseminação vem aumentando vertiginosamente (*Meio se maloca/agita numa boca/descola uma mutuca/e um papel (...)dorme gente fina/acorda pinel*) *Pivete* – CB, 1978;

6) crianças em situação de rua, fenômeno difundido em cidades dos mais diferentes portes (*De noite/meninas/peitinho de pitomba/vendendo por Copacabana/suas bugigangas*) *Carioca* – CB, 1998; (*No sinal fechado/ele vende chiclete/capricha na flanela/e se chama Pelé*) *Pivete*– CB, 1978;

7) **desigualdades de classes:** aqui, exemplificamos através de duas abordagens: em Pedro Pedreiro (CB, 1965), a permanência na subalternidade, na qual o filho está destinado a esperar tal qual seu pai. (*Esperando aumento/desde o ano passado/para o mês que vem(...)* e *a mulher de Pedro/está esperando um filho/pra esperar também*); em *Construção* (CB, 1971), apesar de não haver uma referência direta à condição de desigualdade do filho (seja o *único* ou o *pródigo*), seu pai é um trabalhador da construção civil que *subiu a construção como se fosse máquina (...)* seus olhos embotados de cimento e lágrima (...) *Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe (...)* morreu na contramão *atrapalhando o tráfego, (...)* o público (...) e o sábado;

8) **desigualdades em função de gênero,** como em *Doze anos* (CB, 1977-780, onde Chico ilustra uma infância caracterizada por atividades consideradas próprias para meninos, particularmente no contexto em que foi composta, qual seja, os anos 1970. Exemplificando: chutar lata, matar passarinho, colecionar minhocas, jogar botão, olhar fechadura e ver mulher nua, jogar futebol de rua, *disputando troféu/guerra de pipa no céu/concurso de piroca*;

9) **desigualdades em função de idade,** como, mais uma vez, em *Doze anos*, na qual o compositor revela sua compreensão dessa idade através de algumas atividades, como as que se seguem: (*Ai, que saudades que eu tenho/dos meus doze anos/que saudade ingrata/dar banda por ai/fazendo grandes planos/e chutando lata/trocando figurinha/matando passarinho/colecionando minhoca/jogando muito botão/rodopiando pião/fazendo troca-troca*). Já em *Maninha* (CB, 1977), o artista aborda a infância como um tempo de ingenuidade, e nos pareceu que o faz com nostalgia (*Se lembra do futuro/que a gente combinou/eu era tão criança/e ainda sou/querendo acreditar/que o dia vai raiar/só porque uma cantiga anunciou*).

Essas diferentes dimensões nos fazem pensar que existem contrastes imensos entre a infância considerada ideal pelo autor e as diversas infâncias observadas por ele ao longo de sua trajetória. Há a criança que é cuidada, que planeja seu futuro, brinca, é amada, é o fruto mais bendito de um amor, não corrompida de tal forma que é capaz de governar uma cidade ideal. Em contraponto a essa ideia, observamos a criança que foi abandonada, que aponta um canivete, que se alimenta de luz e desencarna, que sofre com o descaso, que vende chiclete e bugigangas, que se maloca, e que, tal como seu pai, Pedro Pedreiro, esperará por melhores condições de vida.

Tantas possibilidades

Tudo isso nos revela a extrema sensibilidade do artista Chico Buarque, que podemos perceber na diversidade também de expressões afetivas em suas composições; e nos encanta, por sua capacidade imensurável de despertar as emoções as mais diversas em nós.

No contato com o universo das canções de Chico Buarque, convivemos, no correr de nossos estudos, com personagens que ultrapassam a si mesmos, no sentido de que podemos identificá-los em muitos outros de nossos cotidianos. Assim, sentimos ampliar o conhecimento sobre realidades similares às em que se inserem os personagens referidos. Por exemplo, o *Pivete* pode estar vendendo chiclete em um sinal fechado de incontáveis cidades brasileiras; a personagem de *Carioca* pode vender suas bugigangas, não só em Copacabana, mas em bairros outros do Rio de Janeiro e em muitas outras cidades; as crianças que desencarnam de fome em *Brejo da Cruz* (PB) também o fazem em tantos e tantos outros municípios do País.

Bem sentimos que o universo das canções sobre e para crianças em muito ultrapassa os limites desta pesquisa. Assim é que fica a nossa sugestão para outras investigações, que possam abordar, por exemplo, criações artísticas, dentro da temática, de Gonzaguinha, Vinicius e Toquinho, Adriana Calcanhoto, Milton Nascimento, que reputamos de imensa riqueza para a compreensão mais ampliada de significações de infância e de ser criança, que circulam através de tantas canções da música popular brasileira.

A investigação sobre significações de infância e de ser criança, expressas no universo das canções de Chico Buarque, permitiu-nos uma preciosa ruptura, com relação a algumas sisudas tarefas acadêmicas. Isso porque foram o prazer e a alegria que predominaram no processo de sua elaboração: ouvimos e reouvimos cada canção, e muitas vezes cantarolamos e cantamos juntos muitas delas; descobrimos algumas que, até o início do estudo, desconhecíamos, entre as quais encontramos conteúdos referentes a crianças e infâncias; no grupo de pesquisa, trocamos experiências e vimos emergir inúmeras lembranças de nossas infâncias, e revivemos, com intensidade, antigas ou renovadas emoções. Sentimos alegria ao ouvir *A Banda* (CB, 1966), e imaginar que *o velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou/ que ainda era moço pra sair no terraço, e dançou/e a meninada toda se assanhou*. Fomos tomados pela tristeza, ao imaginar a dor de uma mãe em seu *revés do parto, ao ter que arrumar o quarto do filho que já morreu, em Pedaco de mim* (CB, 1977-78); ou em *Acalanto* (Edu Lobo – Chico Buarque, 1985), diante do desconsolo do menino que pranteia a morte precoce de seu irmão e promete:

“*eu vou rasgar meu coração pra costurar o teu*”. Vimos despertar em nós a indignação diante do descaso com a criançada em *Brejo da Cruz* (Chico Buarque, 1984), ao vê-los *se alimentar de luz. Alucinados/meninos ficando azuis/ e desencarnando/ lá no Brejo da Cruz*. Relembramos, com saudade, de nossos planos de infância, ao ouvir Maninha (CB, 1977): *se lembra do futuro/ que a gente combinou?/ Eu era tão criança e ainda sou*. Experimentamos o desassossego de uma prostituta em *Minha história (Gesubambino – Dalla/ Palotino, versão de Chico Buarque, 1970)*, que, ao ser abandonada grávida por um marinheiro, fica *esperando, parada, pregada na pedra do porto/ com seu único velho vestido cada dia mais curto*.

A satisfação também está em nós, ao nos darmos conta de que as nossas construções podem contribuir para ampliar as reflexões sobre crianças e infâncias no Brasil, em espaços sociais os mais diversos – nos quais se incluem instâncias que formulam e executam políticas públicas voltadas para eles, considerando a potência que a música porta em nosso País, para mobilizar discussões e emoções, particularmente de um compositor da estirpe de Chico Buarque.

Algumas percepções nos são muito presentes agora, tais como a de que este trabalho contém interpretações nossas sobre as significações de ser criança e de infâncias, nas canções de Chico Buarque; de que seus conteúdos não esgotam a imensidão de dimensões da infância e do ser criança em circulação, articulação ou embate no tecido social brasileiro; que igualmente não esgotamos as possibilidades de interpretações das composições musicais de Chico Buarque.

Tantas implicações em nós, com o processo de construção deste estudo, nos fazem mais encantados com a potência das expressões artísticas em nos constituir e constituirmos a Vida; e de que somos certos, agora, de estar mais humanizados, mais próximos das complexas realidades de crianças e adolescentes no Brasil, mais poetas, pelo direito e pelo avesso.

Artigo

Recebido: 06/10/2015

Aprovado: 07/07/2016

Keywords:

**Childhoods,
children, Chico
Buarque.**

ABSTRACT: This paper is part of a broader study that approaches significations of childhood and being child in the set of songs authored by Chico Buarque. We initially present a summary of the referred investigation as to its theoretical-methodological procedures and supports, the categories that emerged related to the significations of childhood and being child. Next, we worked through what surprised us the most in terms of the quantity of compositions that approach the topic, even not being considered until now recurrent in Chico Buarque’s musical work; the diversity of significations that we detected as being attributed by the composer regarding childhood and being child. At last, we incite the readers to get in touch with songs authored by Chico Buarque and other composers, which approach the matter and that have immeasurable possibilities of interpretation and personal and collective implications.

Referências

AMADO, J. Capitães da Areia. São Paulo: Companhia das Letras, 1937/2009.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 1977/2009.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: _____ Vários Escritos. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, p. 169-191, 1995.

CÂNDIDO, A. A Literatura e a Vida Social. In: _____ Literatura e Sociedade: Estudos da Teoria e História Literária. São Paulo: T. A. Queiroz, p. 17-39, 2000.

COETZEE, J. Infância. Tradução: Luís Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Companhia das Letras, 1997/2010.

COHN, C. Antropologia da Criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

COLI, J. O que é Arte. São Paulo Brasiliense, 1985.

DOIMO, A. M. A Vez e a Voz do Popular: movimentos sociais e participação popular no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

FERNANDES, R. (org.) Chico Buarque do Brasil: Textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro. Rio de Janeiro: Garamond; Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

_____ (org.) Chico Buarque: O poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos. São Paulo: LeYa, 2013.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e da adolescência: a importância da historicidade para sua compreensão. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, Rio de Janeiro, v.7, n. 1, p. 147-170, abril 2007.

FROTA, A. M. M. C. et al (2013) A Compreensão da Infância na Perspectiva do MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Fortaleza: UFC (Relatório de Pesquisa).

FROTA, A. M. M. C.; PINHEIRO, A. de A. A.; CAVALCANTE, L. F.; FREIRE, M. F.; BARBOSA, R. C. A. (2015). Infâncias e Ser Criança: Significações no Universo das Canções de Chico Buarque. Fortaleza:

UFC. (Relatório de Pesquisa) Disponível em: <https://oppceufc.wordpress.com/2015/09/28/infancias-e-ser-crianca-significacoes-no-universo-das-cancoes-de-chico-buarque/>.

HOMEM, W. Histórias de Canções: Chico Buarque. São Paulo: Leya, 2009.

KOHAN, W. Lugares de infância. Rio de Janeiro: DPA, 2004.

_____. Devir-criança da Filosofia – infância da educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LOBATO, M. Negrinha. In: _____ Negrinha. São Paulo: Brasiliense, p. 21-8, 1923/1994.

MENESES, A. B. Tempo: tempos. In: FERNANDES, R. (org.) Chico Buarque do Brasil: Textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro. Rio de Janeiro: Garamond: Fundação Biblioteca Nacional, p. 147-159, 2004.

_____. Dois guris – Ou a maternidade ferida. In: FERNANDES, R. (org.) Chico Buarque: O poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos. São Paulo: LeYa, p.19-29, 2013.

MINAYO, M. C. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. (orgs.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade Petrópolis: Vozes, 2004, p. 9-29, 2004.

MIRANDA, D. (2010) História da Arte I. Fortaleza: UAB/UECE.

MOLNÁR, F. Os Meninos da Rua Paulo. Tradução: Paulo Ronái. São Paulo: Cosac Naif, 1904/2005.

PAZ, O. Convergências – Ensaio sobre Arte e Literatura. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. El Arco y a Lira – El Poema, La revelación poética, poesía y historia. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

PINHEIRO, A. de A. A. A Criança e o Adolescente na Poesia. Fortaleza: NUCEPEC/UFC e Pastoral do Menor da Arquidiocese de Fortaleza, 1989 (mimeo.).

_____. A Criança e o Adolescente como Sujeitos de Direitos: Emergência e Consolidação de uma Representação Social no Brasil. In: CASTRO, L. R. (org.). Crianças e Jovens na Construção da Cultura. Rio de Janeiro: Nau Editora/FAPERJ, p. 47-68, 2001.

_____. Criança e Adolescente no Brasil: Porque o Abismo entre a Lei e a Realidade. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

_____. Os Meninos da Rua Paulo. 2009a www.cedecaceara.org.br (23.01.2009).

_____. Negrinha, Qual é o Teu Nome? 2010a. Fortaleza, Jornal O Povo, Caderno do Leitor, 16.01.2010, p. 2.

_____. Capitães da Areia: Apontamentos de uma Leitura Crítica. 2010b. www.cedecaceara.org.br (29.01.2010)

_____. Da Infância e das Infâncias. O Público e o Privado, UECE, Fortaleza, n.19, p. 153-165, jan./jun.2012.

PINHEIRO, A. de A. A. et al. Dos Olhares sobre a Infância ao Olhar da Infância. O Público e o Privado, UECE, Fortaleza, n. 13, p. 195-213, jan./jun.2009.

SARMENTO, M. J. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In: SARMENTO, M. & GOUVEA, M. C. S. de. Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais. Petrópolis: Vozes, p. 17-39, 2009.

SARMENTO, M. J. A Sociologia da Infância e a Sociedade Contemporânea: Desafios Conceituais e Praxeológicos. In: ENS, R. T. & GARANHANI, M. C. Sociologia da Infância e a Formação de Professores. Curitiba: Champagnat, p. 13-46, 2013.

SILVA, A. V. da. O protesto na canção de Chico Buarque. In: FERNANDES, R. (org.). Chico Buarque do Brasil: Textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro. Rio de Janeiro: Garamond: Fundação Biblioteca Nacional, p. 173-178, 2004.

_____. A lírica buarqueana. In: FERNANDES, R. (org.). Chico Buarque: O poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos. São Paulo: LeYa, p. 43-89, 2013.

SILVA, F. de B. Chico Buarque. São Paulo: Publifolha, 2004.

VASCONCELOS, V. M. R. de. Infância e Psicologia: Marcos Teóricos da Compreensão do Desenvolvimento da Criança Pequena. In: SARMENTO, M. & GOUVEA, M. C. S. de. Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais. Petrópolis: Vozes, p. 62-81, 2009.

ZAPPA, R. Chico Buarque. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

_____. Vertigem In: FERNANDES, R. (org.) (2004) Chico Buarque do Brasil: Textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro. Rio de Janeiro: Garamond: Fundação Biblioteca Nacional, p.107-111, 2004.

Sítio eletrônico: www.chicobuarque.com.br.